

O julgamento de “Peter Lorre”: masculinidades e diferença em uma Escola Superior de Agricultura

Jairo Barduni Filho*
Eduardo Simonini**
Grasiela Gomide de Souza***
Cristiane Roque Pereira****

*The trial of “Peter Lorre”:
masculinities and difference in an
Agricultural College*

*Doutorando em Educação na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora – MG.

**Doutorado em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Professor Adjunto do Departamento de Educação da Universidade Federal de Viçosa.

***Mestrado em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Técnica de Nível Superior da Universidade Federal de Viçosa

****Graduanda no curso de Pedagogia da Universidade Federal de Viçosa

RESUMO: O “espírito esaviano” foi uma mentalidade cunhada na Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Estado de Minas Gerais (ESAV) – instituição esta que a partir de 1969 passou a ser conhecida como Universidade Federal de Viçosa (UFV) – e perdurou da década de 1920 a 1950. O cultivo de tal “espírito” veio a ser uma ferramenta importante para modelar os modos de fazer e de pensar daqueles que iniciaram a construção da ESAV e que propunham fazer dela um modelo de influência tanto na prática da agricultura brasileira quanto na construção de valores morais “superiores” a contribuir com o crescimento da Nação. Nesse sentido, este trabalho se dedicou – a partir da análise de artigos do jornal estudantil “O Bonde” (publicado entre 1945 e 1963) – a discutir diferentes masculinidades emergentes naquele contexto institucional e sua interferência no cotidiano discente da instituição.

PALAVRAS-CHAVE: Educação; Masculinidades; Vida estudantil.

ABSTRACT: *The “ESAV Spirit” was a mentality coined at the Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Estado de Minas Gerais (ESAV) – institution whose name changed to Universidade Federal de Viçosa (UFV) in 1969 – that lasted from the 1920s to the 1950s of the 20th century. The fostering of such a spirit became an important tool used to mold the ways of doing and thinking of the ones who started the construction of the ESAV and proposed to make it a model of influence on both the practice of the Brazilian agriculture and the construction of “superior” moral values that would contribute to the development of the nation. Therefore, this work aim to present – by the analysis of copies of the student newspaper “O Bonde” (published between 1945 and 1963) – different masculinities that emerged in that institutional context and its influence on the daily student life at that institution.*

KEYWORDS: *Education; Masculinities; Student life.*

Não esquecer que as nuvens estão improvisando sempre, mas a culpa é do vento
(QUINTANA, 2005, p. 966).

INTRODUÇÃO

A Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Estado de Minas Gerais (ESAV), que viria, em 1969, a ser denominada de Universidade Federal de Viçosa (UFV), foi oficialmente inaugurada em 1926, no último ano de mandato de Arthur da Silva Bernardes na Presidência da República do Brasil. Este, por sua vez, idealizou a ESAV ainda quando era Presidente do Estado de Minas Gerais (1918-1922) e, enquanto Presidente da República (1922-1926), não poupou esforços para criar em solo mineiro – em especial em sua terra natal, a cidade de Viçosa/MG – um centro de excelência em tecnologia agrícola. Na época, pouco antes da quebra da Bolsa de Valores de Nova York, em 1929, era total e incontestável a fé coletiva de que o crescimento do Brasil residia na agricultura. A economia brasileira era sustentada prioritariamente pelo setor agrário e a criação de centros de estudos avançados de fomento do agronegócio se tornou uma necessidade para o País. Isso porque muitos produtores rurais ainda desenvolviam suas plantações com base em um “empirismo ingênuo”, trabalhando a agricultura de uma maneira desvinculada dos avanços científicos da área, o que comprometia a qualidade e a quantidade da produção. Assim, no discurso inaugural da Escola de Agricultura e Veterinária, em 28 de agosto de 1926, Bernardes (2006, p. 56) deixou explícitas suas intenções com aquele empreendimento, ao declarar que:

Instituto como este e equivalentes devem ser espalhados pelo Brasil. A agricultura tem necessidade de técnicos e peritos. A exploração da terra tem que ser dada, cada vez mais, a uma orientação científica. O Brasil, antes de tudo, tem que ser um grande país agrícola. [...] O grande interesse do Brasil está ainda na agricultura, está no aumento da produção, está na solução de todas as nossas dificuldades financeiras.

A ESAV nasceu, portanto, comprometida em exorcizar a ignorância do homem do campo, doutrinando-o no “conhecimento verdadeiro” das ciências agrárias, na intenção de contribuir para a construção de uma progressista nação agrícola. Dessa maneira, assumindo o saber científico como “tradutor juramentado” do mundo ao redor, a ESAV procurou se sustentar num modelo

de excelência que visasse o “melhoramento do animal, da semente e do homem” (AZEVEDO, 2005). Mas se os animais e as sementes eram passíveis de domesticação nos laboratórios e no campo, o trabalho de *oficina* sobre os homens exigia outra estratégia: a produção de um sentimento de comunidade, cooperação, *hora certa*, lealdade e fraternidade juvenil que pudesse igualmente motivar uma coesão grupal sólida o suficiente para ser vivida como identidade coletiva. Isso fica bem claro no discurso proferido aos alunos da instituição por Nello de Moura Rangel, em 1940. No referido discurso, Rangel (2006, p. 81) anuncia, a respeito da ESAV, que:

Seu lema, “pelo homem são, pela boa semente, pelos bons rebanhos”, abrangia todos os aspectos da esfinge desafiadora. [...] Não se cuidava apenas em formar profissionais competentes, mas plasmar homens completos, conhecedores da profissão, dignos pelo caráter, cidadãos pela integral compreensão das questões básicas da nacionalidade e pela consciência da missão relevante que lhes competia desempenhar.

Os dirigentes daquela emergente instituição de ensino entendiam, portanto, que para se alcançar a qualidade técnica na agricultura era necessário também trabalhar moralmente os estudantes (e, em certa medida, também os professores) que adentravam pelas portas da Escola. Considerados ignorantes e matutos, os primeiros discentes que iniciaram seus estudos na ESAV (fosse no curso Breve, Elementar, Médio ou Superior¹) foram submetidos a uma orientação de vida que pretendia inspirar um “ideal” em suas mentes juvenis. Assim, “pelo homem são”, foram institucionalizadas reuniões semanais com todo o grupo de professores e estudantes que compunha a Escola. Estas, denominadas de Reuniões Gerais, foram oficializadas já no Art. 62 do Regulamento de 1926 da ESAV, contudo tiveram sua melhor descrição no Art. 49 do Regulamento publicado em 15 de dezembro de 1931:

Realizar-se-á, nos dias úteis, uma reunião geral com duração máxima de quinze minutos, à qual comparecerão, sob a presidência do Diretor, todos os professores e alunos do estabelecimento. Nas reuniões gerais serão tratados, especialmente, assuntos que versem sobre higiene, civismo, economia, administração e sociologia. Aos alunos que faltarem a 30% do número total das reuniões gerais, com justificação, ou a seis, sem esta, não poderão ser conferidos certificados ou diplomas. Os alunos que incorrerem nas disposições citadas sujeitar-se-ão a exame, em 2ª. época, dos assuntos tratados nas reuniões gerais, nos semestres a que não tiverem alcançado frequência (BORGES; SABIONI, 2010, p. 99).

Foram nessas Reuniões Gerais, obrigatórias a todos os discentes, que João Carlos Bello Lisbôa, Diretor da Escola no período de 1929 a 1936, cultivou nos presentes um tipo de mentalidade denominada de “Espírito Esaviano”. Tal mentalidade era centrada na responsabilidade pessoal, na correção de caráter, na organização moral e cívica, na “vida reta”, na “hora certíssima”, no amor à Pátria, à agricultura e à ESAV. Assim, engendrado ao desenvolvimento de técnicas agrícolas e pesquisas científicas, era um modelo de ser humano para o Brasil que a Escola também pretendia produzir. Essa construção se fazia em meio às práticas mais diversas: fosse no esporte, no cultivo de uma rigidez disciplinar que regulava trânsitos e horários dos discentes, nas maneiras de habitar as moradias estudantis², na postura perante as provas e os estudos. Era, pois, essa proposta modeladora (e também o “espírito” que a sustentava) que nutriu as palavras de Araújo (1957, p. 1), então discente da instituição, quando declarou que:

A ESAV é símbolo que preservamos com muito carinho. Nos diz da fraternidade rara que há entre colegas; do ambiente de uma coletividade sadia, de uma comunhão de trabalho realmente eletiva, de um coração imenso e idealista que encerra uma multidão de corações igualmente grandes e igualmente idealistas. ESAV significa muita coisa bela, muita aresta polida em nossas personalidades.

Portanto, o “Espírito Esaviano” tendia a se capilarizar no “polimento” das arestas mais íntimas e cotidianas do viver institucional. E podemos notar isso no fato de que, para além dos sistemas disciplinares instituídos, tal “Espírito” se presentificava também transbordante nas páginas de um semanário estudantil, inaugurado em primeiro de setembro de 1945, chamado de *O Bonde*. Por sua vez, o batismo de tal nome a um pequeno e precário jornal discente não se deu por mero acaso; isso porque, segundo Lam-Sanchez (2006), “bonde” era um conceito criado dentro da ESAV e significava “coisa que fazia barulho”. Assim, “[...] no internato, nos momentos de folga, principalmente depois das refeições, formavam-se os grupinhos, as ‘chacrinhas’, como a gente dizia. Quando a chacrinha virava bagunça, passava a ‘Bonde’. Nelas se engendravam algumas maquinações” (LAM-SANCHEZ, 2006, p. 290). E uma dessas maquinações discentes ganhou materialidade pelas mãos de Antônio Athayde, um estudante do Ensino Médio da ESAV, quando este criou o referido semanário.

Athayde e seus colaboradores trabalharam *O Bonde* na intenção de que ele fosse tanto um informativo humorístico a respeito da vida cotidiana da Escola, quanto também uma via de passagem para a voz de qualquer estudante que quisesse se fazer ouvir através daquele veículo. E essa proposta foi formalizada pelo próprio Athayde (1945, p. 1) quando da apresentação do primeiro número de *O Bonde*:

[...] para maior lenitivo às nossas canseiras e maior proveito das horas de folgas, pensamos publicar nesta folha os quadros mais curiosos da vida esaviana – que nem sempre estão ao alcance da vista ou ouvido de todos – fazendo críticas, contando piadas e os “foras” de particular fertilidade de alguns colegas.

O Bonde nasceu, pois, declaradamente “descomprometido” porque não pretendia se envolver com coisas “sérias”, ou se posicionar contrário à Direção da Escola, tendo inclusive sido proibido pela mesma de divulgar debates sobre a política nacional. Contudo, tal descomprometimento é enganoso porque, apesar da proibição de tocar em assuntos político-partidários, seus artigos não se eximiram de expressar outras dimensões políticas a se fazerem presentes no cotidiano do campus esaviano. Dimensões estas que podem ser seguidas nas narrativas publicadas no jornal a respeito do viver diário dos discentes da ESAV, as quais tanto enalteciam o “espírito” da Escola quanto também indicavam diferentes maneiras de praticar a vida estudantil.

Dessa forma, durante os 18 anos de sua existência, *O Bonde* foi um privilegiado relator do cotidiano discente da ESAV. Não era, porém, uma unanimidade entre os alunos, sendo algumas vezes atacado pelas críticas e brincadeiras que promovia; outras vezes, contudo, era enaltecido e aclamado como parte do cânone institucional, como o fez Araújo (1956, p. 1), ao deixar grafadas nas páginas daquele jornal a seguinte declaração:

E serás cada vez mais tradição, jornal da minha Escola, porque o tempo correrá levando teu nome, e a memória do esaviano ausente lerá cada vez mais saudosa as tuas colunas amigas. O pincel dos anos pintará de poesia as tuas troças [...]. Tu não morrerás jamais, Bonde companheiro, porque és um pedaço da alma esaviana, e porque és, antes de tudo, mocidade. Mocidade eterna e sempre renovada.

Assim, entre chacotas, “venenos”, brincadeiras, críticas e conflitos, a mocidade e o cotidiano esavianos se renovavam nas páginas de *O Bonde*,

fazendo valer os valores da instituição e inusitadas rebeldias entre as mais diversas troças, comentários e pilherices. E mesmo que muitas vezes o jornal criticasse a ESAV – denunciando a rigidez do internato, a falta de uma enfermaria, o defeito dos bebedouros; ou suspeitasse continuamente da qualidade da comida do refeitório e do preparo didático de alguns dos professores – o chamado ao “Espírito Esaviano” se fazia constante naquele semanário. Como quando do relato do então discente Mússio Solto Maior Pessoa, ao narrar, para aquele jornal, os bastidores da participação do teatro universitário da instituição no *VII Festival Universitário de Arte*, em Belo Horizonte:

Chegamos a Belo Horizonte com nossa equipe de teatro e logo a UEE nos disse que nada havia de cenário. Só faltavam 24h para nossa apresentação, que seria a primeira do Festival. Ficamos apavorados, mas não apavorados com medo, foi um apavoramento ESAVIANO, que significa, corre corre, improvisação, rapidez, eficiência, desordem ordenada, Espírito Esaviano (PESSÓA, 1958, p. 2).

E esse “espírito” nutriu (e também foi nutrido em) um sentimento de união fraterna, conduta altiva, ordeira e progressista a pretender sustentar uma identidade institucional. O que faz com que, ao acompanharmos as páginas de *O Bonde*, encontremo-nos com o colorido juvenil da ESAV; com os ideais patrióticos; com sonhos de prosperidade pessoal e nacional, alimentados pela ideia de que eles, os alunos, experienciavam uma formação sadia e sólida em direção a um futuro próspero. Alimentavam, pois, aquele jornal com o ideário eugênico do “Espírito Esaviano”, em sua ambição de construir “mentalidades superiores” e elitistas com vias a formar possíveis lideranças nacionais.

Por sua vez, se *O Bonde* funcionava como um exercício de expressão lúdica, filosófica, política, literária e jornalística para muitos estudantes, funcionava igualmente como um sistema de vigilância e de denúncia a qualquer flutuação cotidiana que indicasse o nascimento de outras possíveis sensações e vivências que não traduzissem as pretensões de pureza e retilinearidade pretendidas pelo “espírito” da Escola. Assim, ao mesmo tempo em que brincava e “zoava” os colegas, aquele semanário promovia, em contrapartida, a denúncia dos desvios e das singularidades; denúncia de tudo o que traçava uma nova expressão. Tal perspectiva de controle se apresenta indicada em uma coluna, publicada 09 de junho de 1951, onde um estudante – sob a alcunha de *Micrótono* – iniciou seu texto com a seguinte observação:

Já nos ensina a sociologia que, para haver unidade num grupo, necessário se torna que seus componentes estejam perfeitamente integrados dentro dos padrões do grupo. E quando isso não acontece, se um dos elementos foge a essa norma, há o que sociologicamente se denomina *problema* (1951, p. 1).

Como significado no texto acima, quando a unidade se torna a meta de um grupo (em especial do grupo esaviano), o “problema” se apresenta como um desvio: é algo que ameaça a norma esperada, sendo muitas vezes entendido como defeito, falha moral, pecado ou erro. Enquanto veículo do “Espírito Esaviano”, *O Bonde* se esmerou, em muitos momentos de sua história, a identificar e condenar os referidos “problemas”. E um desses “problemas” a habitar a ESAV foi apresentado aos leitores do jornal durante perseguição que este realizou a um estudante identificado pela alcunha de “Peter Lorre”.

MASCULINIDADES ESAVIANAS

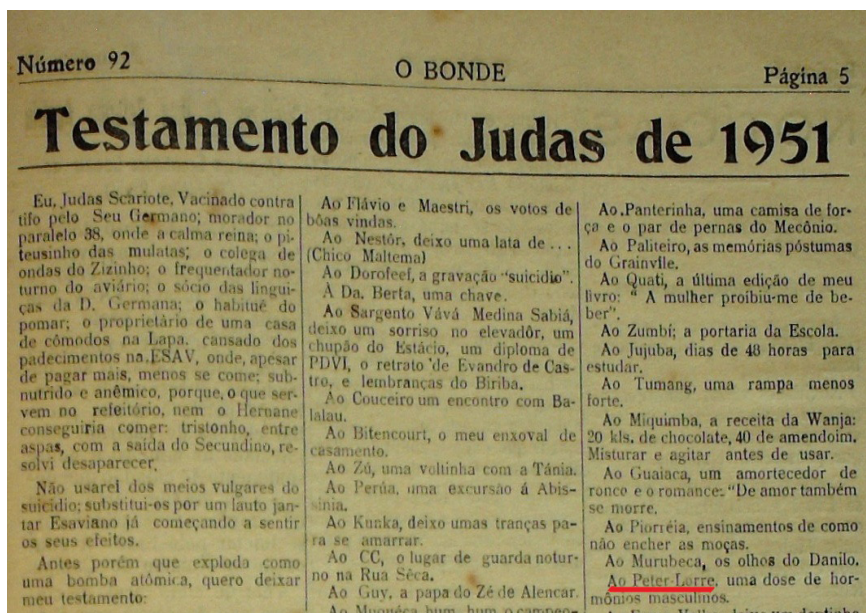
A breve história do surgimento e do desaparecimento de “Peter Lorre” nas páginas de *O Bonde* faz ressonância com a produção espartana do homem esaviano. Até 1949, a ESAV era uma casa eminentemente masculina, contudo, a masculinidade esaviana não se apresentava como uma expressão unitária e sem conflitos. Pelo menos dois tipos de modelos masculinos se confrontavam no convívio cotidiano da Escola, e esses tipos muitas vezes apresentavam suas diferenças nas páginas de *O Bonde*. De um lado, havia o sujeito agrícola, que era o estudante considerado mais rústico, que não se importava com o asseio, com as roupas, com a “elegância”, uma vez que era mais voltado para o trabalho bruto e comprometido com a valorização da prática campesina. De outro lado, havia o estudante que, mesmo se envolvendo com as práticas agrícolas, também se preocupava com a literatura, com a poesia, com a música clássica; cuidando, assim, em não se restringir ao personagem do “agrícola”, que só conhecia o que os modos hegemônicos de subjetivação da ESAV davam a conhecer. Isso pode ser inferido em *O Bonde* a partir das críticas ao modelo excessivamente prático da Escola, cujo currículo, centrado prioritariamente em técnicas agrícolas, produzia poucos espaços para a expressão de outras sensibilidades que não fossem aquelas mais agronomicamente espartanas. Dessa maneira, o então discente Joel da Silveira teceu uma crítica ao “homem agrícola” da ESAV, quando levantou a seguinte questão nas páginas de *O Bonde*:

O que é a poesia? É uma conversa mole, sem nenhum resultado prático. É um amontoado de frases bonitas repassadas de sentimento, onde o bardo lamenta a ausência de sua bem amada. É um conjunto de palavras rimadas, nas quais o vate, abusando da liberdade poética, diz os maiores absurdos. Estas são as respostas do “agrícola”. [...] Não vivamos apenas dos livros, com os livros e para os livros. Lembremo-nos de que a vida estudantil é uma medalha. De um lado estão as sabatinas, provas, relatórios, trabalhos práticos, noites de insônias. Os olhos cansados ardem sobre as folhas mimeografadas, enquanto um frio cortante penetra pelas janelas. Porém, há o verso da medalha. Podemos retemperar o nosso cérebro cansado, enveredando pela senda da poesia. Isto sem prejudicar os estudos. A poesia nada mais é que a tradição das cousas que nos cercam, a concretização em rimas de muitos dramas que andam por aí. [...] Portanto, “agrícola”, pode continuar com suas ideias se assim desejar. Porém, não condene tanto a poesia (SILVEIRA, 1945, p. 1).

Como indicado no texto apresentado, para muitos estudantes da ESAV o dedicar-se à literatura era considerado uma prática sentimentalista, provavelmente associada aos interesses mais femininos, enquanto o trabalho científico sobre a terra se apresentava como sendo um exercício mais sério e mais masculino. Por sua vez, havia aqueles que entendiam a literatura como elemento partícipe da formação do sujeito esaviano e não apenas um lance de emotividade. Essas duas masculinidades – a do literato e a do agrícola – de tempos em tempos se digladiavam no jornal, sendo muitas vezes o agrícola ridicularizado pelo *O Bonde*. Contudo, enquanto estas referidas masculinidades eram aceitas no convívio do campus, outras se tornavam problemáticas pelo fato de não se enquadrarem nos padrões da época e muito menos nos padrões do “Espírito Esaviano”. E *O Bonde*, enquanto relator do cotidiano discente, era também o delator da existência desses desvios, ou “problemas” – fossem referentes às masculinidades não autorizadas ou outras intensificações não mapeadas – a se fazerem visíveis em instâncias não policiadas pela direção da Escola. Nesse sentido, as narrativas, em *O Bonde*, a respeito dos “foras de particular fertilidade de alguns colegas”, tornaram-se ferramentas que possibilitaram a identificação de modos de existir deslocados do ideal esaviano. E, apesar de diferentes diretores daquele jornal, e em diferentes épocas, afirmarem que as brincadeiras do semanário não tinham a intenção de humilhar ninguém, os desviantes, os estrangeiros, os negros e as mulheres foram alvos assíduos das chacotas daquela publicação.

Um desses “alvos” em desvio foi “Peter Lorre”. Este surgiu pela primeira vez no artigo *O Testamento do Judas de 1951*, tendo como autor um discente que respondia pelo pseudônimo de M. J. de Oliveira. Em tom humorístico, Oliveira (1951) relatou que Judas resolveu desaparecer da ESAV, deixando um testamento por meio do qual fazia doações a quase toda comunidade do campus. No artigo, professores, funcionários e alunos recebiam alguma herança inventada que servia para “pegar no pé” dos escolhidos. E um destes fora um estudante apelidado de “Peter Lorre”, o qual foi lembrado no seguinte trecho do texto: “Ao Peter Lorre, uma dose de hormônios masculinos” (OLIVEIRA, 1951, p. 5).

Figura 1 – Testamento do Judas de 1951



Fonte: O Bonde, 1951.

Nessa passagem, Oliveira (1951) nos apresenta a um estudante que, para além do conflito entre literatos e agrícolas, expressava-se por intensificações mais femininas, não se enquadrando, portanto, nas expectativas do homem espartano da Escola. Assim, o comentário aparentemente insignificante sobre “Peter Lorre” é indicativo da existência de outras masculinidades na Escola

que não correspondiam aos ideais de virilidade propagados pelo “Espírito Esaviano”. E se “Peter Lorre” é um apelido entre tantos outros (Jujuba, Panterinha, Paliteiro...) apresentados naquele artigo, a escolha desse nome para identificar um personagem estranho aos valores da ESAV não nos parece ter sido feito ao acaso. Isso porque uma das poucas diversões daqueles jovens – além dos namoros, idas a bares e passeios na praça principal da cidade de Viçosa – era a de ir ao cinema. Familiarizavam-se, portanto, com as histórias hollywoodianas e muitos discentes provavelmente já conheciam o ator Peter Lorre (1904-1964). Este foi um ator húngaro que se notabilizou no cinema norte-americano por seus papéis em filmes de aventuras e mistérios, onde fazia preferencialmente vilões e monstros. Participou de filmes como *Casablanca*, *20.000 Léguas Submarinas*, *Relíquia Macabra*, *O Anjo Diabólico*, *O Diabo ri por último*, *O Homem que sabia demais*, dentre outros. Assim, Peter Lorre, um estrangeiro em solo americano, ocupou-se de muitos papéis nos quais encarnava personagens “estranhos”, perigosos ou desajustados. Portanto, acreditamos que dentro da ESAV um homem com trejeitos femininos não cabia nos cânones da instituição e, sendo uma expressão que suscitava estranheza, recebeu o apelido de “Peter Lorre”.

Os estudantes, entretanto, tinham conhecimento da existência de homens “afeminados” entre os discentes da Escola, porém estes tinham que ser discretos e não podiam protestar quando frente às brincadeiras discriminatórias a que eram submetidos. Isso nos foi confirmado na entrevista com um ex-aluno da ESAV (atualmente com 80 anos), que residiu no internato na década de 1950. Ele relatou que, “[...] naquela época, tinha muito respeito mesmo com os ‘caras meio lá, meio cá’, igual tem muito hoje em dia. Ninguém apelava. Se apelasse, aí que o pessoal pegava no pé do rapaz”. Assim, havendo homens de “sexualidade indefinida” dentro do internato da instituição, a tolerância e o respeito para com os mesmos se relacionava ao fato de eles não protestarem quando molestados. Quem ensaiasse algum protesto corria o risco de terminar marcado e perseguido pelos colegas: o que parece ter sido a circunstância de “Peter Lorre”.

Uma vez que em 1951 havia menos de duzentos alunos matriculados na ESAV³, é muito provável que a maioria dos discentes conhecesse “Lorre”; e é igualmente provável que este tenha reclamado pelo fato de *O Bonde* ter

publicizado o questionamento de sua masculinidade. Por que ele poderia ter manifestado sua insatisfação com o jornal? Porque, na edição número 94, datada de 28 de abril de 1951, os redatores de *O Bonde* “pegaram no pé do rapaz” e produziram um artigo fictício, denominado de *Lar, doce lar*, ao qual outorgaram a autoria a “Peter Lorre”. Neste, a questão da feminilidade de “Lorre” aparece explicitada, sendo que é abertamente alegado que ele possuía interesses por outros homens, além de ser acusado de ter uma sensibilidade mais do que poética e afeita ao que os esavianos consideravam como sendo sentimentalismos femininos que não respondiam às necessidades e desafios do agrônomo.

Dedicando-se, pois, a desmoralizar a masculinidade daquele jovem, o artigo anunciava a homoafetividade do estudante em meio às brincadeiras típicas daquele semanário. A condenação lançada nas páginas amarelas do jornal, ao mesmo tempo em que buscava denunciar o representante de determinada ação suspeita que não se encaixava na masculinidade hegemônica, generalizava – pelo campus da ESAV e também por toda região – o julgamento feito a um adolescente que, não se referendando na atitude máscula dos discentes do lugar, manchava a força do agrícola e a virilidade esaviana. Dizia, então, o texto que:

Aproveitando o pedido do Lôbo⁴, aqui estou eu para escrever principalmente para vocês, maninhas. Escrevo para vocês que, como eu, já brincaram de boneca; que, como vocês, se encantam com a voz do Lúcio Alves e Frank Sinatra; que, como eu, sentem medo dos filmes de Frankstein, e da figura do Infesulino; que, como eu, sentem saudades do “lar, doce lar”. Ai maninhas!... Nem posso pensar. Quando estou sozinha, digo, sozinho, só ouvindo o bater do meu coração, sinto-me frágil, indefeso, e choro. Choro muito. O Marquinho já me ouviu chorando, e disse que isso é feio para um homem. Quem me dera ser mulher. Assim, evitava de uma vez por todas essas amolações dos homens que ao invés de rirem, viriam me consolar. Ai...Ai... Maninhas. O assunto está sendo desviado, mas a vida é isso mesmo. Às vezes pergunto para mim mesmo: “Porque existem homens no mundo”? Só devia existir mulheres, mas pensando bem, quanta falta nos faz um homem, ai...ai... Maninhas, voltando a falar sobre o lar, quantas saudades, da papinha que a mamãe fazia, penso na Belinha penteando-me o cabelo (não levem para a maldade; Belinha é minha bã); penso em minha camisola de dormir, que tive de substituir aqui na Escola por pijamas, para o “Ramezoni” não rir, penso em tanta coisa boa, que as vezes quase desisto de Agronomia, para

ir aprender cortes e costuras, ou outras coisas mais leves. (...) A Coreia pegou o Ibraim. A Guachuma ficou com o Fôca, mas... eu escreverei para Mato Grosso. A Zelma, sim a Zelma me deixou desiludido pois tirou-me o Ratinho. Eu tirei a revanche, vocês vão ver. Vou aprender com o Pau Canta. Bem, minhas amiguinhas, eu já devo estar enchendo, mas, ai... ai; as mulheres sofrem tanto. Nota da Redação: qualquer semelhança com algum aluno da ESAV, e méra (sic) coincidência (LORRE, 1951, p. 4).

No número seguinte do jornal, os redatores de *O Bonde* informam a respeito do fato de que os discentes da ESAV conheciam “Peter Lorre” e a ele assediavam com possíveis atitudes desqualificadoras, principalmente após a publicação de *Lar, doce lar*. Tal informe se dá em uma “errata”, publicada em um canto de página do número 95 do semanário, onde explicam que:

“O Bonde”, como os grandes jornais, é passível de engano. Mas todo erro, quando consertado, é justificado. Consertemos, portanto, que em vez de Manoel Martins Soares, como saiu nas Sociais do número passado, leia-se Heliodoro de Almeida Nabuco. *Também retificamos o pseudônimo de “Lar, doce lar”. É ele Mater Mór e não Peter Lorre. A justificação é necessária, pois vinha trazendo bastante amolação a esse colega* (LÔBO, 1951, p. 4 – grifo nosso).

Todavia, o “remendo” feito pelos redatores em nada surtiu efeito, uma vez que o próprio jornal continuou a criar espaços para que a comunidade esaviana não se esquecesse da existência daquele “desvio”, daquela “anomalia”, daquela diferença a se intensificar entre eles. Assim, no número 97 de *O Bonde*, em uma coluna denominada de *Venenos* – e assinada por um discente que se escondia sob o pseudônimo de Silvana – o estudante Ney é criticado por ter usado uma blusa verde, tida como típica peça de vestuário feminino. Então, Silvana sugere que, se tal peça era para ser usada por um homem, que o fosse por uma expressão indefinida como “Peter Lorre”:

E o Ney, como vai? Essa camisinha verde que você trouxe, não é própria para homem não. Conte na praça quantas moças têm igual. Não é preciso ir muito longe. Veja as funcionárias da ESAV. Acho melhor você presenteá-la ao Peter Lorre (SILVANA, 1951a, p. 2).

E ainda na mesma coluna, *Venenosa*, Silvana “oficializa” a ridicularização da masculinidade de “Peter Lorre”, ao afirmar que até mesmo o Diretor da ESAV era partícipe das chacotas direcionadas àquele estudante. De acordo com Silvana (1951a, p. 2):

E por falar nesse mocinho, dizem que na “Festa da Colheita” o nosso Diretor, necessitando de alguém para completar o “Five” de basquete feminino esaviano, lembrou-se do Peter Lorre. Mais tarde retificou dizendo procurar o Mater Mor.

A perseguição a “Peter Lorre” durou de abril a junho de 1951. Foram apenas três meses nos quais os colaboradores de *O Bonde* tanto denunciaram a presença de uma diferença quanto condenaram um colega diferente. E na edição de 9 de junho de 1951 do jornal – curiosamente a mesma edição onde *Micrótomo* realizou sua “análise sociológica” a respeito do “problema” no qual se transforma aquele que não se adequa às normas de um grupo – é anunciado que “Peter Lorre” abandonou a ESAV. Em um pequeno trecho, também na coluna *Venenos*, Silvana (1951b, p. 2) anuncia a despedida do colega:

O “Mater Mór” foi embora e ao se despedir disse levar bastante saudade de tudo da ESAV, com exceção de “O Bonde”, “esse pasquim miserável”. Quantos como ele, pensam, mas repetimos: os homens passam e a imprensa perdura.

UM VENTO DE DIFERENÇA

Em meio a um contexto tradicional de comportamentos que primavam pela manutenção da moral, do civismo, da fraternidade e do amor pela instituição, a ESAV era uma casa construtora de homens probos a alimentarem um ideal de masculinidade. A invenção do modelo de agrônomo ideal, descritas nas páginas d’O Bonde, sugeria que o esaviano necessitava agregar à rudeza da masculinidade do agricultor, a alma sensível e inteligente do literato a fim de se tornar habilidoso no uso da terra, no trato com as letras e com as pessoas. Porém, aquele que assumisse uma excessiva sensibilidade, corria o risco de manchar a virilidade do agrônomo, sempre muito ativo e racional em sua propensão de salvar a agricultura brasileira: afinal, ele é quem trabalha com a terra; terra passiva à espera de receber a semente introduzida nela pela sensibilidade de um profissional viril.

Assim sendo, o cultivo de uma identidade coletiva – como fizeram os diversos praticantes da Escola na manutenção de um “Espírito Esaviano” – comprometeu-se com o estabelecimento de uma composição de forças em

interação que definiram territórios de saberes e de verdades. Contudo, por se engendrar em meio ao choque de forças, nenhuma identidade é pura em si mesma, emergindo sempre em meio a relações promíscuas e mestiças. Um mundo, então, só toma forma e direção a partir dos descaminhos de forças caóticas que possibilitaram sua emergência. E na ESAV isso não foi diferente.

Formada no convívio de jovens que vinham de diversas partes de Minas Gerais e também de outros pontos do Brasil, uma diversidade de modos de existir e de pensar se tramava na constituição daquele espaço educativo. E tal diversidade produziu a necessidade da invenção de um “espírito” coletivo que suplantasse as intensificações particulares de cada estudante ou professor que aportava para ali aprender ou lecionar. E se as Reuniões Gerais criavam um clima propício para fazer existir um unificante “Espírito Esaviano”, no viver cotidiano daqueles discentes as diferenças se intensificavam em espaços insuspeitos: como nos cantos de página de *O Bonde*; como na condenação a “Peter Lorre”.

Todavia, torna-se necessário, aqui, abrir um parêntese a fim de explicitarmos que essa *diferença* que se intensificava não se reduzia à ordem do que era diferente. Enquanto o conceito de “diferente” nos remete a uma distinção identitária, a uma luta de contrários (onde “isto” é diferente de “aquilo”; agrícolas diferentes de literatos; homens diferentes das mulheres), Silva (2002, p. 66), inspirado no pensamento filosófico de Deleuze (1988), sustentará que a *diferença*:

[...] é mais da ordem da anomalia que da anormalidade: mais do que um desvio da norma, a diferença é um movimento sem lei. [...] A diferença não tem a ver com a diferença entre x e y, mas com o que se passa entre x e y. A identidade joga pelas pontas; a diferença, pelo meio.

Tais argumentações também o aproximam das considerações tecidas pelo sociólogo Gabriel Tarde (2007, p. 98), o qual, discutindo a respeito da complexidade e da significância de se considerar os movimentos na *diferença* para o entendimento da vida como um todo e da vivência social em particular, argumentou que:

Existir é diferir; na verdade a diferença é, em um certo sentido, o lado substancial das coisas, o que elas têm ao mesmo tempo de mais próprio e de mais comum. [...] Pois a identidade é apenas um “mínimo”, e, portanto, apenas uma espécie, e uma espécie infinitamente rara, de diferença, assim como o repouso é apenas um caso do movimento.

Themudo e Orlandi (2003) relatam que, para Tarde (2007), essa ontologia da *diferença* é eminentemente política, uma vez que a tentativa de colocar a ordem e o idêntico como a razão do mundo e do pensamento se torna um sonho de homens de Estado – e também, podemos dizer, dos homens esavianos –, inquietos que estão com a instabilidade e com a dispersão evidenciada tanto na matéria orgânica quanto na vida social. Dialogando, pois, com as considerações de Tarde, temos que ele também defende a perspectiva de que as identidades se constituiriam como estabilizações de movimentos que se processam na *diferença*. Tal processo privilegia os contágios, as conexões anômalas em meio às quais as identidades emergem como conjugações que não remontam a nenhuma pureza prévia, a nenhum tipo de essência gerativa a contar sobre uma origem ancestral ou um princípio a reger o universo. A respeito dessa ontologia mestiça das identidades, Tarde (2007, p. 99) sustenta que:

[...] nessa série em que a identidade e a diferença, o indistinto e o caracterizado, empregam-se reciprocamente várias vezes seguidas, o termo inicial e o termo final é a diferença, o caráter, o que há de mais bizarro e de inexplicável que se agita no fundo de tudo [...] Homens que falam, todos com uma diversidade de sotaques, de entonações, de timbres de voz, de gestos: eis aí o elemento social, verdadeiro caos de heterogeneidades discordantes. Mas, com o tempo, dessa Babel confusa destacam-se hábitos gerais de linguagem, formuláveis em leis gramaticais. Estas, por sua vez, servem apenas, pelo relacionamento de um maior número de falantes juntos, para realçar a feição própria de suas ideias: outro gênero de discordância. E elas conseguem diversificar tanto mais os espíritos quanto mais elas próprias forem fixas e uniformes .

Se aqui nos aventuramos, junto com Silva (2002) e Tarde (2007), a assumir que toda identidade – por emergir e se estabilizar a partir de um “bricolage” na *diferença* – é mestiça, não nos furtamos de considerar que as mestiçagens e a vivência na *diferença* não são elementos celebrativos de uma perspectiva de feliz consumo social. E isso se evidencia quando retomamos a história de “Peter Lorre” pela perspectiva da *diferença*. Nesse caso, temos que a simples presença daquele estudante na Escola colocou em movimento um significativo incômodo. Não sendo classificada como homem ou como mulher, a presença de “Lorre” questionava a masculinidade do “espírito” da Escola, pois trazia consigo uma novidade que acabou por ser desqualificada em sua

potência e, assim, temporariamente neutralizada. Porém, é “entre”, na *diferença*, nas fronteiras, que os encontros gestam as possibilidades de nascimento e morte das construções identitárias, e, na ESAV, por mais que se protegessem na formação de um modelo de masculinidade, algo também fugiu dos moldes e problematizou, com sua singularidade, a suposta verdade indestrutível daquele mundo. “Peter Lorre” se apresentou, portanto, como uma singularidade; um vento súbito que fugiu às propostas de masculinidade do “Espírito Esaviano”. Sua existência naquele cotidiano acadêmico incomodou estudantes que não conseguiram tolerar a presença de um homem que também se engendrava em expressões femininas, fundando, assim, uma indefinição identitária. Tal circunstância se congratula com as considerações de Ribeiro (2005, p. 482), quando este diz que:

[...] as formas de promiscuidade e de mestiçagem são possíveis não por estarem para além das fronteiras, mas por estarem na fronteira. Dito de outra maneira, a especificidade das novas identidades emergentes da condição fronteiriça é radicarem-se na experiência da não-identidade inerente a essa mesma condição.

Tais argumentos de Ribeiro nos são significativos no momento em que, intercalando os conceitos de fronteira, mestiçagem e identidade, ele situa os processos identitários não como opostos à *diferença*, mas interconstituintes à mesma. Ratifica, assim, a orientação de pensamento aqui apresentada que defende que as identidades são movimentos emergentes de criações/recriações turbilhonantes na *diferença*. Contudo, a ESAV – por meio de seus professores e estudantes que tantas vezes acalentaram diferentes sonhos agrários regados em ideais de felicidade e prosperidade social e econômica – temia as dinâmicas anômalas e costumava ver nas misturas e indefinições uma ameaça a suas causas consideradas nobres e edificantes, que respondiam por termos como “identidade grupal” ou “Espírito Esaviano”. Nessa orientação, a Escola tendia a lutar pela estabilização identitária de seus modelos de existência, confrontando-se com quaisquer desvios que pudessem agenciar a produção de outros modos coletivos de subjetivação.

Mas, apesar das vigilâncias, algo sempre escapa ao controle dos regimes identitários, mesmo dos mais rígidos. E, ainda que à surdina, “Peter Lorre” – não mais abordado como uma personagem social, mas como intensificação

na *diferença* – pode voltar a se fazer presente entre verdades estabelecidas e aparentemente irremovíveis, promovendo novos movimentos e outras acelerações que, como os ventos, forçam as nuvens a mudar de forma e a sair do lugar.

NOTAS

1. Em seu início, a ESAV oferecia três modalidades de cursos. 1) Breves: instruções práticas e imediatas sobre agricultura e veterinária, com duração de oito semanas. 2) Elementares: com duração de um ano, visavam a preparação de agricultores e capatazes rurais. 3) Médios: com duração de dois anos, destinavam-se principalmente a filhos de fazendeiros ou agricultores que não tinham feito o curso ginásial. 4) Superiores: destinavam-se à formação de profissionais de Agronomia e Veterinária. A duração era de quatro anos, subdivididos em oito semestres.
2. A ESAV foi a primeira instituição de Ensino Superior a acolher com sucesso um sistema de internato para seus estudantes. Este foi inaugurado em 1928 e nas moradias do internato os residentes, além de quartos e de um banheiro coletivo, usufruíam também de um refeitório.
3. Em 1948 a Escola Superior de Agricultura passou a ser denominada de Universidade Rural do Estado de Minas Gerais (UREMG). Contudo, por muitos anos após ser elevada a Universidade Rural, a instituição ainda continuava a ser chamada de ESAV por seus alunos.
4. O discente Bento M. Lôbo era, então, o diretor de O Bonde.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Ene. O fantasma da nota. **Jornal “O Bonde”**, n. 188, UREMG, 21 ago. 1957.

_____. Onze anos... **Jornal “O Bonde”**, n. 178, UREMG, 01 set. 1956.

ATHAIDE, Antônio A. Apresentação. **Jornal “O Bonde”**, n. 1, ESAV, 01 set. 1945.

AZEVEDO, Denilson Santos de. **Melhoramento do homem, do animal e da semente - o projeto político pedagógico da Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Estado de Minas Gerais (1920-1948): organização e funcionamento**. 2005. Tese (Doutorado em História da Educação e Historiografia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2005.

BERNARDES, Arthur da Silva. Discurso no ato inaugural da ESAV. In: BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares; MAGALHÃES,

Gilson Faria Potsch (Orgs.). **A Universidade Federal de Viçosa no século XX**. Viçosa: UFV, 2006.

BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares. **Legislação de importância histórica**. Viçosa: Editora UFV, 2010.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

LAM-SÁNCHEZ, Alfredo. **A UFV nos tempos da Escola Superior de Agricultura-UREMG**. Viçosa: Editora UFV, 2006.

LÔBO, Bento M. Errata. **Jornal “O Bonde”**, n. 95, ESAV, 05 maio 1951.

LORRE, Peter. Lar, doce lar. **Jornal “O Bonde”**, n. 94, ESAV, 28 abr. 1951.

MICRÓTOMO. Língua de trapo. **Jornal “O Bonde”**, n. 98, ESAV, 09 jun. 1951.

PESSÔA, Mússio Solto Maior. Crônica apavorada. **Jornal “O Bonde”**, n. 198, UREMG, 23/09/1958.

OLIVEIRA, M. J. de. O testamento do Judas de 1951. **Jornal “O Bonde”**, n. 92, ESAV, 07 abr. 1951.

QUINTANA, Mário. **Poesia completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005.

RANGEL, Nello de Moura. Preleção na última Reunião Geral de 1940. In: BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares; MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch (Orgs.). **A Universidade Federal de Viçosa no século XX**. Viçosa: Editora UFV, 2006.

RIBEIRO, António Sousa. A retórica dos limites. Notas sobre o conceito de fronteira. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (Org.). **A globalização e as ciências sociais**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Identidade e diferença: impertinências. **Educação & Sociedade**, Campinas: CEDES, v. 23, n. 79, p. 65-66, ago. 2002.

SILVANA. Venenos. **Jornal “O Bonde”**, n. 97, ESAV, 02 jun. 1951a.

_____. Venenos. **Jornal “O Bonde”**, n. 98, ESAV, 09 jun. 1951b.

SILVEIRA, Joel da. O agrícola e a poesia. **Jornal “O Bonde”**, n. 5, ESAV, 29 set. 1945.

TARDE, Gabriel. **Monadologia e sociologia e outros ensaios**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

THEMUDO, Tiago; ORLANDI, Luís. Prefácio. In: TARDE, Gabriel. **Monadologia e sociologia**. Petrópolis: Vozes, 2003.